



PAULO LIMA

Alice Vieira
escritora

O som da música tinha-a acordado. “Música”, resmungava, mas alguém poderia chamar música àquela chinfrineira? Os barulhos na cozinha, as vozes da neta e da bisneta, tudo se mistura, provocando-lhe uma enorme saudade de casa. Não da casa que ela deixou, cheia de retratos de gente morta, gavetas a cheirar a mofo de nunca se abrirem, um piano desafinado em que o bicho da madeira fizera estragos irreparáveis, mas de uma outra casa que em tempos aí tinha existido, com o cheiro da água de colónia do pai a espalhar-se pelo corredor e a mãe a tentar fazê-la entrar no mundo misterioso de uma valsa dançada a preceito. “Faz atenção, Virinha”, dizia a mãe, carregando muito nos érreres, enquanto o metrónomo batia os tempos correctos da música. “Presta atenção”, corrigia de imediato o pai, se a ouvia.

Mas a mãe encolhia os ombros, língua difícil o Português!

Elvira gostava do falar cantado da mãe, que viera de França há muitos anos, mas nunca se habituara a esta língua estranha. E gostava das músicas que ela tocava no piano. A mãe dizia que todas as meninas deviam saber dançar a valsa para poderem brilhar nos bailes

Música de fundo

Dantes todas as meninas deviam saber dançar para brilhar nos bailes, mas agora que já não há bailes e a música é outra, ficam as histórias de quem fugiu com o amor da sua vida a meio de uma valsa.

e encontrar marido conveniente. Era nos bailes, garantia a mãe, que os homens se encontravam. Os homens com quem se podia casar, evidentemente. Porque havia homens com quem não se podia casar, e para esses nem se devia olhar.

“E como sabemos a diferença?”, perguntara Elvira uma vez, mas a mãe fingiu que não tinha ouvido e a pergunta ficou sem resposta.

“Um, dois, três”, a mãe marcava o compasso, mas Elvira baralhava tudo, a música para um lado e ela para outro, ia ser um desastre no próximo baile, além disso o vestido era de tule e picava-lhe a pele, já o tinha experimentado três vezes e até as lágrimas lhe tinham vindo aos olhos.

Tenta levantar-se da cadeira, onde se deixara adormecer, mas todo o corpo lhe dói. O médico diz que não pode ficar o dia todo ali enterrada, mas o médico é novo, não sabe das dores que atacam o corpo dos velhos. Quando era nova, também ela não pensava nisso. Quando era nova tinha a certeza de que ia ser sempre nova, e havia de ir a muitos bailes. E saber, finalmente, dançar a valsa a três tempos.

No quarto ao lado, Sara ouve a mãe bater à porta pedindo-lhe que baixe o volume da música. Sempre a mesma coisa. Desde que a bisavó vive com elas, tudo mudou naquela casa.

“Ser velho deve ser cá uma seca”, pensa Sara. Que por mais que se esforce nunca há-de entender a história que a mãe está sempre a contar, da noite em que a bisavó fugiu, no meio de um baile, com um rapaz com quem dançara uma valsa quatro vezes seguidas.

Um rapaz com quem a família garantia que ela não podia casar. Um rapaz com quem ela casou e foi feliz a vida inteira. Sara tinha três anos quando ele morreu, mas ainda se lembra de o ver na sala da bisavó, gordo, careca e sempre a tossir.

Como teria sido possível fugir com um homem daqueles, pensa Sara. E ainda por cima casar com ele. E ainda por cima ser feliz a vida inteira.

“Fogo!”, murmura Sara, “é por isso que hei-de ficar sempre solteira.”

Olha para o espelho do quarto e gosta do que vê. E sorri. É bom ter 13 anos. É bom ter a música aos berros. É bom saber que não há-de morrer nunca. A

“Era nos bailes, garantia a mãe, que os homens se encontravam. Os homens com quem se podia casar, evidentemente. **Porque havia homens com quem não se podia casar.**”